

H. J. H. 391

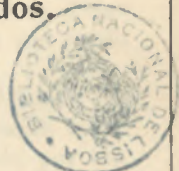
8

OS PAIZES NEUTRAES E A GUERRA.

Por

JAMES BRYCE (Visconde Bryce),

Author do "The Holy Roman Empire,"
"The American Commonwealth," etc.
Ex-Embaixador nos Estados Unidos.



19.68752



LONDON:
HARRISON & SONS.
1915.

OS PAIZES NEUTRAES E A GUERRA.

A presente guerra tem tido algumas consequencias inesperadas. Chamou a attenção do mundo, fóra da Allemanha, para algumas doutrinas estupendas que alli se tem pregado as quaes atacam pela raiz toda a moralidade internacional, bem como todo o direito internacional, ameaçando o retrocesso ao estado primitivo de selvageria em que as tribus tinham por habito a pilhagem e massacre de seus vizinhos.

Estas doutrinas acham-se expostas no livro de enorme circulação, do General Von Bernhardi, denominado "Allemanha e a proxima guerra," publicado em 1911, declarando ser baseado principalmente sobre o que o famoso professor de historia, Heinrich von Treitschke ensina.

Aos leitores de outros paizes, e, espero bem que tambem á maioria dos leitores na Allemanha, taes theorias parecerão nada menos do que manifestações de militarismo desvairado, producto de um cerebro intoxicado pelo amor da guerra e arrogante vaidade nacional.

Seriam pouco dignas de reparo e ainda menos de refutação, se não se desse um facto deploravel, isto é, o recente procedimento do Governo d'um grande paiz (se bem que ousamos esperar sem o apoio d'esse paiz) que se coaduna com o mesmo e implica a crença na sua razão de ser.

Vem este a ser o procedimento do Governo Imperial Allemão em desrespeitando á neutralidade da Belgica, que a Prussia, assim como a Grã Bretanha e França tinham solemnemente garantido por um tratado (celebrado em 1839 e renovado em 1870); invadindo a Belgica quando ella recusou deixar passar seus exercitos, apesar da França, a outra belligerante, prometter não entrar na Belgica; e no tratamento das cidades e povo Belga contra o qual não tinha nenhum motivo para querella, com uma severidade sem precedentes na historia da guerra moderna Europea.

Que doutrinas são estas? Nem por momento as attribuo á classe erudita da Allemanha, pela qual sinto o mais profundo respeito reconhecendo os seus immensos serviços á sciencia e educação; nem á maioria da sua administração civil, corporação cuja capacidade e rectidão são conhecidas em todo o mundo e muito menos as attribuo ao povo allemão em geral. É facto evidente que semelhantes ideas não são de sua sympathia pois que o proprio General Bernhardi repetidas vezes se queixa e deplora as tendencias pacifistas de seus compatriotas.*

Todavia, o facto que semelhante procedimento, instigado ao que

* Veja-se pagina 14-16 da traducção Ingleza: "As aspirações para a paz parecem envenenar a alma do povo Allemão."

parece por taes ideas, e que só por ellas pode ser justificado, tenha sido empregado em realidade, e deste modo ter feito entrar nesta guerra a Grã Bretanha cujos interesses e sentimentos lhe faziam desejar a paz, vem a proposito para chamar a attenção para as mesmas e para quanto ellas comprehendem.

Posso dizer com certeza que não tenho preconceitos no assumpto pois tenho sido um d'aquelles que durante muitos annos tenho trabalhado para promover boas relações entre Allemães e Inglezes, povos que deviam ser amigos e que até aqui nunca haviam sido inimigos e que tinha esperanças e acreditára até principios de Agosto passado, que não haveria guerra porque a neutralidade da Belgica seria respeitada.

Não havia sido tão pouco só por causa da Inglaterra e Allemanha que os Inglezes amigos da paz procuravam a manutenção dos bons sentimentos. Tinhamos alimentado esperanças, assim como o haviam esperado alguns estadistas Allemães proeminentes que disposições amistosas com a Allemanha poderiam permittir á Inglaterra com a cooperação dos Estados Unidos (o nosso amigo mais intimo) mitigar o longo antagonismo da Allemanha e da França com quem já estávamos em bons termos e deste modo melhorar as suas relações para garantia da paz da Europa.

Não entrarei nos motivos que frustraram estes exforços e subitamente causaram esta guerra. Os factos, como os vemos em Inglaterra e como os documentos parecem provar, creio não serem do conhecimento do povo Allemão e os motivos dos principaes actores ainda não estão bem investigados.

Uma cousa ha que posso declarar com confiança. Não foi rivalidade commercial nem ciume do poder Allemão que fez entrar a Inglaterra na liça. Nem tão pouco existia odio no povo Inglez contra o povo Allemão, nem desejos de lhe quebrar o poder.

Mesmo agora não temos inimidade pelo povo Allemão, os pensadores politicos proeminentes e historiadores da Inglaterra tinham manifestado as mais cordiaes sympathias pelos exforços empregados pelo povo Allemão (desde 1815 a 1866 e 1870) para alcançar unidade politica, assim como haviam sympathisado com os exforços parallelos dos Italianos.

Os dois povos eram de raça identica e unidos por muitos laços. Em ambos os paizes havia sem duvida pessoas que desejavam a guerra e cujos trabalhos escriptos tendendo apparentemente para a provocar, bastante contribuíram para deturpar o sentimento geral nacional. Estes individuos porem, eram, creio eu, apenas uma pequena minoria em ambos os paizes.

Pela parte que diz respeito á Inglaterra, foi a invasão da Belgica que entrou todos os exforços para evitar a guerra e fez com que os proprios amigos da paz assentissem tambem que o dever de cumprir as estipulações de um tratado para com uma potencia fraca se achava superior a qualquer outra consideração.

Voltando ás doutrinas expostas pelo General von Bernhardt, e evidentemente accites pela casta militar a que pertence, e que em breve summario são as seguintes, faço uso das suas proprias palavras, excepto quando se torne preciso abreviar um prolongado argumento.

“ A guerra em si é uma boa coisa, É uma necessidade biologica de importancia primordial ” (pag. 18).

“ A inevitabilidade, o idealismo, a benção da guerra, como lei indispensavel e estimuladora do desenvolvimento devem ser frisadas repetidamente ” (pag. 37).

“ A guerra é o maior factor na promoção da cultura e poder. ”

“ Os esforços para assegurar a paz são extraordinariamente detrimetaes logo que influenciam a politica ” (pag. 28).

“ Felizmente taes esforços nunca podem attingir seu ultimo alvo n'um mundo erriçado de armas, e em que um são egoismo ainda dirige a politica de maior parte das nações. ‘ Deus providenciara, ’ diz Treitschke, ‘ para que a guerra sempre tenha o seu logar como remedio drastico para a raça humana ’ ” (pag. 36).

“ Os esforços tendentes á abolição da guerra não só são insensatos como tambem absolutamente immoraes e devem ser stygmatisados como indignos da raça humana ” (pag. 34).

“ Os tribunaes d'arbitragem são illusões perniciosas. Toda a idea representa uma usurpação presumpçosa do dominio das leis do desenvolvimento, que só podem conduzir ás mais desastrosas consequencias para a humanidade em geral ” (pag. 34).

“ A manutenção da paz nunca deve ou pode ser o alvo de uma politica ” (pag. 25).

“ Os esforços para a paz, se attingissem o seu alvo, conduziriam á degeneração social, como succede sempre na natureza em que se elimina a lucta pela existencia ” (pag. 35).

“ Os grandes armamentos são em si desejaveis. São a precondiçao mais necessaria da nossa saude nacional ” (pag. 11). “ Todo o objectivo e toda a existencia de um Estado é a força e quem não for bastante corajoso para encarar com esta verdade não deve entremetter-se com politica ” (“ Treitscke Politik,” pag. 45). “ O seu mais elevado dever politico é o augmento do seu poderio ” (pag. 45-46). “ O estado tem o justo direito de fazer conquistas, sempre que assim o pareça exigir a sua propria vantagem o augmento de territorio ” (pag. 46).

“ A conservação propria é o ideal mais elevado do estado ” e justifica qualquer acção que possa tomar, se essa acção for conducente ao fim. A força é o direito.

O estado é o unico juiz da moralidade dos seus proprios actos. De facto, está acima da moralidade ou por outras palavras, precisamente o que for necessario é moral.

“ Direitos reconhecidos (*i.e.*, direitos contractados) nunca são direitos absolutos; são de origem humana e portanto imperfeitos e variaveis. Ha condições em que elles não correspondem á verdade real dos factos; neste caso a infracção do direito parece justificado moralmente ” (pag. 49). De facto o Estado é uma lei para si.

“ As nações pequenas, não teem o mesmo direito á existencia que as nações poderosas e vigorosas ” (pag. 34).

“ Qualquer acto em favor da humanidade collectiva fóra dos limites do Estado e nacionalidade é impossivel ” (pag. 25).

Estas são proposições pasmosas se bem que propostas como por assim dizer axiomaticas. Não são novas, pois que o sophista

Thrasymacho na "Republica" de Platão argumenta que a justiça nada mais é do que a superioridade do mais forte, isto é, a força e o direito.*

A mais pasmosa entre ellas é a negação de que haja deveres do Estado para com a humanidade, excepto o de impor a sua propria civilização superior sobre uma parte da humanidade tão grande quanto possível e a negação do dever de respeitar os tratados. São apenas papeis.

Para os escriptores modernos Allemaes, o estado é uma entidade muito mais tremenda do que o é para os Americanos ou Inglezes. É um poder supremo com uma especie de sanctidade mystica, um poder concebido de uma, como que por assim dizer força automaticamente produzida, inteiramente á parte e superior as pessoas que a compoem.

Mas o Estado afinal nada mais é do que muitos individuos organizados debaixo do Governo. Não é mais sabio, mais recto, do que os entes humanos de que se compõe e que elle estabelece para governal-o. Não tem então moralidade ou responsabilidade alguma ?

Se é licito a pessoas unidas como cidadãos em um estado roubar e matar para seu lucro collectivo, porque ha de ser criminoso para os cidadãos fazel-o como individuos ? Cessa então a sua responsabilidade moral porque procedem conjunctamente ? Quasi todos os systemas legaes sustentam que ha actos que um homem pode licitamente fazer e que se tornam illicitos sendo feitos por homens em conluio. Agora porem parece que o que seria um crime em pessoas como individuos é considerado acto de alta politica para as pessoas organisadas em Estado. †

Não ha então o que se chama humanidade commum ? Não ha deveres para com ella ? Não ha então nada desse "decente respeito pela opinião da humanidade" que os organisadores da Declaração da Independencia reconheceram ; nenhum sentimento de que mesmo os maiores Estados estão sujeitos ao sentir do mundo civilisado ?

Vejamos até que ponto estas doutrinas affectam os estados mais pequenos e mais fracos que até aqui tem vivido em segurança relativa junto ás grandes potencias.

Ficarão absolutamente á mercê do mais forte. Ainda mesmo que protegidos por tratados garantindo-lhes a neutralidade e independencia não estarão seguros, pois que as obrigações dos tratados nada valem quando não correspondem aos factos, isto é, quando a potencia forte entende que são um tropeço no caminho. Os seus interesses estão acima de tudo.

Se um estado tem mineraes valiosos, como a Suecia com o seu ferro e a Belgica com o carvão e a Rumania com o seu petroleo ou se tem abundancia de força motriz hydraulica como a Suecia, Noruega e Suissa ou se domina a boca de um rio navegavel cuja parte superior

* Ha vinte e dois seculos que Platão sustentava que o objecto do Estado era a justicia.

† "O General Bernhardt refere-se com applauso a Machiavelli como o primeiro que declarou que a nota tonica de toda a politica é o avanço do poder." O Florentino porem não era o pregador de doutrinas com que procurasse edificar os seus contemporaneos. Unicamente julgou o seu mundo Italiano como o via. Não procurou fortalecer as suas doutrinas com falsa philosophia, falsa historia e falsa sciencia.

pertence e outro paiz, o estado grande pode conquistar e annexar esse estado pequeno, logo que vir que precise dos mineraes ou da força hydraulica ou da boca do rio.

Tem a força e a força dá o direito. Os interesses, os sentimentos, o patriotismo e amor de independencia do povo pequeno não são tomados em conta.

A civilisação voltou-se contra si, a cultura tem de se expandir com a força barbara. Os governos derivam a sua auctoridade, não do consentimento dos governados, mas sim das armas do conquistador.

A lei e moralidade entre nações desapareceram. Herodoto diz-nos que os Scythas adoravam como Deus uma espada nua. É essa a deidade a installar no logar outro ora occupado pelo deus da Christandade.

Os estados, a maior parte estados despoticos, tem ás vezes applicado partes deste systema de doutrina mas nenhum a proclamou. O povo romano não era escrupuloso, mas ainda assim não se abalançou a taes princípios.

Certamente nunca os estabeleceram como um ideal. Nem tão pouco aquelles magnificos imperadores teutonicos da Idade Media cuja fama o General Bernhardi tanto gosta de recordar. Não entraram por Italia como conquistadores, reclamando-a pelo direito do mais forte. Vieram pela fé de um titulo legal que por muito phantastico que hoje nos pareça, os proprios Italianos, e de facto toda a Christandade Latina, admittiu.

Dante o maior e mais patriotico dos Italianos deu as boas vindas ao Imperador Henrique setimo á Italia e escreveu um famoso livro para provar o seu direito, defendendo-o sobre a base de que elle como herdeiro de Roma representava a Lei, o Direito a Paz.

O titulo mais nobre que estes imperadores escolheram para usar foi o de Imperator Pacificus. Na idade media quando os homens estavam sempre pelejando, apreciavam as benções da guerra muito menos do que o General Bernhardi e davam valor á paz e não a guerra, como instrumento de civilisação e cultura. Não tinham aprendido na escola de Treitschke que a paz significa decadencia e a guerra a verdadeiro influencia civilizadora.

As doutrinas supra não podem deixar de alarmar os pequenos estados que prezam a sua liberdade e sua individualidade e tem progredido sob a salvaguarda dos tratados. Ha porem outras considerações que affectam esses estados e que devem appellar para os homens de todos os paizes tanto para as nações fortes como para as fracas.

Os estados pequenos cuja absorpção se acha agora ameaçada teem sido potentes e uteis, talvez os mais potentes e uteis factores no caminho da civilisação. É nelles e por elles que a maior parte do que é mais precioso em religião, em philosophia, em litteratura, em arte se tem produzido.

Os primerios grandes pensamentos em religião procederam de um diminuto povo habitando um paiz maiz pequeno do que a Dinamarca.

Os cultos da poderosa Babylonia e populoso Egipto desapareceram, a religião de Israel conserva-se tanto na sua forma primitiva, como na mais recente que se tem espalhado pelo mundo.

Os Gregos eram um pequeno povo, não unido em um grande estado, mas espalhado por costas e montanhas em pequenas comunidades de cidades, cada uma com a sua propria vida, em pequena quantidades, mas vivas, versatis, intensas. Deram-nos a mais rica, a mais variada e a mais estimuladora de todas as litteraturas.

Quando a poesia e a arte reapareceram depois das longas trevas da Idade Media, as suas mais frondosas flores floresciam nas pequenas republicas da Italia.

Na moderna Europa quanto não devemos á pequena Suissa, accendendo o facho da liberdade ha 600 annos e mantendo-o acceso atravez dos seculos quando as monarchias despoticas governavam o resto do continente Europeo ! E a livre Hollanda com os seus grandes homens de letras e seus pintores excedendo os de todos os paizes, com excepção da Italia ?

Tambem as pequenas nações Scandinavas tem dado ao mundo famosos homens de sciencia de Linneo, para baixo, poetas como Tegner e Bjornson, intrepidos exploradores como Fridthiof Nansen. A Inglaterra na idade de Shakespeare, Bacon e Milton, tinha uma população pouco maior que a da Bulgaria de hoje. Os Estados Unidos nos dias de Washington e Franklin e Jefferson e Hamilton e Marshall continham menos habitantes do que a Dinamarca ou Grecia.

Nas duas mais brilhantes gerações de litteratura e pensamento Allemão, a idade de Kant e Lessing e Goethe, de Hegel e Schiller e Fichte não havia o verdadeiro Estado Allemão, mas sim uma aggregação de principados e cidades livres, centros independentes de vida intellectual em que as letras e sciencia produziram uma colheita mais abundante do que as duas seguintes gerações tem produzido, assim como a Inglaterra tambem com oito vezes a população de 1600, não tem tido mais Shakespeares ou Miltons.

Não ha noção que tão evidentemente tenha sido desmentida pela historia como aquella em que se funda a escola a que pertence o General Bernhardi de que a "cultura" litteraria, scientifica e artistica floresce melhor nos estados militares.

A decadencia da arte e litteratura no mundo Romano começou justamente quando o poderio militar de Roma tornára aquelle mundo um Estado grande, bem regulado. Se se dissesse o contrario exprimiriamos melhor a verdade dos factos ; se bem que se deve admittir que ainda não está provado como solida, uma theoria geral concernente as relações da arte e das letras com os Governos e condições politicas.*

O mundo já está bastante uniforme e cada dia se torna mais uniforme. Umás poucas de linguas principaes, algumas fórmãs de civilização, uns poucos de typos de character, está se espalhando dos sete ou oito maiores estados e extinguindo as linguas, fórmãs a typos mais fracos.

* O conhecimento do General Bernhardi sobre a historia corrente pode avaliar-se do facto de elle assumir que a rivalidade commercial acarretará provavelmente uma guerra entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, e de crer que os principes e os povos Indianos provavelmente se revoltarão contra aquella no caso de se envolver em uma guerra e de esperar que as Colonias com governo autonomo aproveitarão essa oportunidade de se desligar da metropole.

Apezar dos grandes estados serem mais fortes e mais populosos, nem por isso os seus povos são necessariamente mais dotados e a extinção das linguas menores é um desastre para o futuro desenvolvimento do mundo.

Talvez não possamos entravar as forças que estão appressando essa destruição, mas certamente não deveríamos reforçal-as. Pelo contrario deveríamos sustentar e defender os estados mais pequenos e favorecer o levantamento e crescimento dos povos novos. Não foi somente por se terem libertado da tyrannia de sultões como Abdul Hamid, que os intellectuaes da Europa deram boas vindas ás libertações successivas da Grecia, Servia, Bulgaria e Montenegro, foi tambem como esperança de que em tempo se desenvolveriam da sua actual simplicidade, novos typos de cultura e novos centros de vida intellectual productiva.

O General Bernhardi invoca a historia. Appella para Cezar, como juiz. Cezar torna-se desta forma a ultima instancia de appelação. Que vá pois para Cezar. Die Weltgeschichte ist das Weltgericht.

Não ha nação alguma, embora grande, que tenha o direito de impôr o seu typo de civilização ás outras. Não ha raça alguma, quer seja a Teutonica ou Anglo-Saxonia que possa arrogar a si a direcção da humanidade.

Todos os povos tem em seu tempo contribuido com alguma cousa distinctivamente sua e com isto o mundo se tornou bem mais rico do que se qualquer raça por muito bem dotada que fosse, tivesse estabelecido uma ascendencia permanente.

Nós, os da raça Anglo-Saxonia, não pretendemos mais para nós assim como não admittimos aos demais o direito de dominar pela força ou impôr o typo proprio de civilização em raças menos poderosas.

Talvez não tenhamos a firme convicção da sua superioridade que a escola do General Bernhardi manifesta para os Teutões do norte da Allemanha. E se bem que devemos admittir que os povos do tronco Anglo-Saxonio tem como os demais commettido alguns erros e por vezes abusado da sua força, é preciso recordar quaes tem sido os ultimos actos que elles tem praticado em terras extranhas.

Os Estados Unidos, por duas vezes retirarem as suas tropas de Cuba, onde facilmente as poderiam ter retido. Resistiram a todas as tentações de annexar qualquer parte dos territorios do Mexico em que as vidas e bens dos seus cidadãos se acharam em perigo constante durante trez annos.

E da mesma forma a Grã Bretanha, ha seis annos, restaurou o mais amplo governo autonomo ás duas Republicas Sul-Africanas (tendo já concordado com a manutenção em termos eguaes da lingua Hollandeza) e os cidadãos dessas republicas que ha 13 annos se achavam em armas contra ella, tem-se expontaneamente offerecido para a auxiliar pelas armas.

Uma das razões pela qual os principes Indianos se tem unido tão prompta e cordialmente á Inglaterra nesta guerra, é porque desde ha muitos annos temos evitado annexações de terrenos desses principes, permittindo lhes adoptar herdeiros quando faltos de successores em suas proprias familias.



Só os espiritos vulgares é que cometem o erro de tomar grandeza por grandiosidade, porque esta ultima provem da alma e não do corpo. No juizo que a historia fizer mais tarde, dos quarenta seculos de progressos assignalados a caminho da civilização que nos fica para traz, que provas applicará para determinar a verdadeira grandiosidade de um povo ?

Não será população, não será riqueza, não será poderio militar. Pelo contrario, a historia perguntará : Que exemplos de elevação de character e dedicação altruista pela honra e dever foram apresentados por certo povo ? O que tem elle feito para augmentar o volume de conhecimentos ? Que pensamentos e que ideaes de valor permanente, legou elle á humanidade ? Que trabalhos produziu elle em poesia, musica e outras artes para fonte de prazer incessante da posteridade ?

Não devem os povos pequenos ter que recciar estas provas.

O mundo progride, não como suppõe a escola de Bernhardi somente ou mesmo principalmente, pelo combate. Avança principalmente pelo pensamento e processo de instrucção reciproca por meio de uma cooperação continua e inconsciente.

Cada raça Hellenica, Italica, Celtica e Teutonica, Iberica e Slavonica tem alguma cousa a dar, alguma cousa a aprender e quando o seu sangue se acha mixturado, a raça produzida pode combinar os dotes de ambos.

As raças mais progressivas teem sido aquellas que combinavam a boa vontade de aprender com a força que as habilitou a receber sem perda da sua propria qualidade, mantendo o seu vigor primal mas adoptando os labores das outras assim como os Teutões que se installaram nos dominios de Roma aproveitaram com as lições da velha civilização.

Mais uma vez permittam-me, antes de concluir, que por forma alguma eu attribua ao povo Allemão os principios expostos pela escola de Treitschke e Bernhardi, o seu odio pela paz e arbitragem, o seu desprezo pela fé dos tratados e o seu desdem pelas nações mais fracas.

Nós em Inglaterra sentiriamos uma tristeza ainda mais profunda do que a que já peza sobre nós, se supposessemos que semelhantes principios tivessem sido abraçados por uma nação cujos pensadores tanto teem feito pelo progresso humano e que teem produzido tantos exampos brilhantes de santidade christã.

Mas quando taes principios teem sido apregoados ostentadamente, quando uma potencia neutral, que a outra belligerente havia promettido respeitar, tem sido invadida e tratada como a Belgica o tem sido, e quando se estão fazendo tentativas para justificar semelhantes actos como incidentes a uma campanha pela civilização e cultura, torna-se necessario apontar a falsidade e o pernicioso de taes principios.

Quaes são as licções da historia para as quaes o General Bernhardi tanto se deleita em appellar ? Que a guerra foi sempre a servente da tyrannia e origem de mais de metade dos soffrimentos do homem. Que embora algumas guerras tenham sido necessarias—guerras de defeza contra a oppressão ou de soccorro aos opprimidos—a maior parte das guerras tem sido desnecessarias ou injustas. Que o indicio da uma civilização que se approxima tem sido a substituição de

amizade pelo odio e dos ideaes pacificos pelos bellicosos. Que os povos pequenos podem fazer e tem feito tanto pelo bem commum da humanidade como os povos grandes. Que os tratados devem ser cumpridos, pois o que é que são elles senão archivos de fé solemnemente empenhada e o que é que poderia promover mais segura e rapidamente o retrocesso para o reinado de violencia e terror de que se tem erguido lentamente durante os ultimos dez seculos, do que a destruição da confiança na fé jurada das nações ?

Acontecimento algum tem produzido aquella união essencial que agora existe no mundo por uma maneira tão poderosa como o tem feito esta guerra, pois acontecimento algum jamais affectou de tal modo todas as partes do mundo.

Quatro continentes se acham envolvidos—todo o velho mundo e o novo mundo soffrem gravemente no seu commercio, industria e finanças. Por isso o mundo todo se acha interessado em evitar a repetição de semelhante calamidade.

O sentimento geral é que as causas que deram logar a semelhante calamidade devem ser eliminadas para sempre.

Dizem-nos que os armamentos devem ser reduzidos que se deve apagar o nefasto espirito do militarismo ; que os povos em toda a parte devem ser chamados a partilhar de um quinhão mais farto na fiscalização da politica estrangeira ; que se devem empregar esforços para estabelecer uma especie de Liga de Concordia, algum systema de relações internacionaes e allianças reciprocas de paz, pelas quaes se possam ajustar as differenças entre paizes pelos tribunaes de arbitragem e conciliações, de mais largo alcance do que actualmente existem.

Todas estas cousas são desejaveis, mas plano algum para evitar futuras guerras terá sombra de exito, a não ser que se baseie na certeza de que os Estados que nelle entrarem se cinjam a elle leal e firmemente e que cada um e todos elles se unam para reprimir pela sua força unida sobrepujante, qualquer estado que descure as obrigações que assumiu.

A fé dos tratados é a unica base solida em que se pode fundar o Templo da paz.